

Experiências das mães trabalhadoras em rede de supermercados durante a pandemia (2020 - 2023)

Luara Kauane Quadros Rodrigues¹
Cíntia Fiorotti²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as experiências das mães trabalhadoras em rede de supermercados durante o período pandêmico da COVID-19 e pós-pandêmico, entre 2020 e 2023. Para tanto, por meio das entrevistas com essas mulheres, levantamos informações sobre como elas se organizaram na conciliação do trabalho remunerado e o trabalho não remunerado no lar e nos cuidados com os(as) filhos(as) quando houve o fechamento das escolas em decorrência do isolamento social. Ainda, as fontes orais contribuíram para refletir como essas mulheres vivenciaram e vivenciam ao longo de suas trajetórias de vida as implicações da divisão sexual do trabalho e da dupla jornada de trabalho.

Palavra-Chave: Gênero, Mulheres, Trabalhadoras, Cuidados.

Experiences of working mothers in a supermarket chain during the pandemic (2020 - 2023)

Abstract: This article aims to analyze the experiences of working mothers in supermarket chains during the COVID-19 pandemic and post-pandemic period, between 2020 and 2023. To this end, through interviews with these women, we gathered information about how they organized themselves to

¹ Graduação em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Marechal Cândido Rondon. Email: luarakauane59@gmail.com

² Cíntia Fiorotti Lima, doutorado em História pela UFU, Pós-doc., Mestrado e Graduação em História pela Unioeste. Doutorado em Educação pela UNIOESTE. Professora Colaboradora na (UNIOESTE), Curso de História e Professora pela SEED-PR. E-mail: cintiafiorotti@hotmail.com

reconcile paid work and unpaid work in the home and in caring for their children when schools were closed due to social isolation. Furthermore, the oral sources contributed to reflecting on how these women experienced and are experiencing throughout their life trajectories the implications of the sexual division of labor and double working hours.

Keyword: Gender, Women, Workers, Care.

1 Introdução

Essa pesquisa teve como objetivo estudar as experiências das mães trabalhadoras da rede supermercados “Sempre Juntos”³, durante o período de 2020 - 2023⁴, que foi atingido pela pandemia da COVID-19⁵. Nela abordamos temas como, relações sociais de gênero, condições e jornadas de trabalho, a partir das fontes orais produzidas durante essa pesquisa.⁶

A pandemia da COVID-19 causou impacto na economia global resultando em uma crise econômica em muitos países. Como medida de prevenção foram adotadas algumas medidas para que a propagação do vírus fosse menor, resultando em restrições de viagens, *lockdowns* e medidas de distanciamento social, houve “[...] isolamento social, quarentena, bloqueio de fronteiras terrestres, aéreas e marítimas, impedimento de

³ Pseudônimo adotado para ocultar a identificação das entrevistadas.

⁴ O recorte temporal desse estudo, se estendeu a 2023, porque as entrevistas com as trabalhadoras foram realizadas.

⁵ Em 31 de dezembro de 2019, “a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de *Wuhan*, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova *cepa* (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19[...]. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo”. (site: *Organização Pan-americana de Saúde*).

⁶ Uma das autoras desse artigo, Luara Quadros, está inserida diretamente a mais de dois anos na Rede de Supermercado, assim compreendendo e enfrentando algumas das mesmas dificuldades que as fontes poderão descrever, como a jornada dupla, neste caso, associando o trabalho com o curso de licenciatura em História. Além disso, por ser colega das entrevistadas, elas apresentaram uma maior confiança na hora da entrevista, tornando-a mais ricas em detalhes e ampliando o campo de análise, por isso a escolha desse tema e o uso das fontes orais.

comércio em vários casos, inclusive de material sanitário, como uma forma de evitar o contágio geral [...]” (Gama, 2020, p. 8).

Durante a pandemia da COVID-19 a forma com que os governos reagiram variou, pois havia aqueles que adotavam *lockdowns* rigorosos, mas também abordagens consideradas flexíveis dividindo a perspectiva pública, pois algumas pessoas acabavam vendo-as como necessárias para conter a propagação do vírus. Já outras acreditavam que tais medidas eram muito rigorosas e as entendiam como uma violação dos direitos de cada indivíduo, enquanto isso o vírus se propagava rapidamente e, como consequência, os sistemas de saúde acabaram ficando saturados enfrentando um momento difícil, assim como a falta de equipamentos de proteção individual (EPI) e leitos hospitalares (Da Silva; Silva, 2020, p. 7).

Em meio a esse contexto da pandemia, esteve a mão de obra feminina no mercado de trabalho que, nas últimas décadas, teve um aumento perceptível da presença destas mulheres, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019:

[...] a quantidade de mulheres entre 17 e 70 anos empregadas no país passou de 56,1% em 1992 para 61,6% em 2015, com projeção para atingir 64,3% no ano de 2030, ou seja, 8,2 pontos percentuais acima da taxa em 1992. Enquanto isso, o mesmo estudo indica que a taxa de participação masculina no mercado de trabalho tende a cair, projetando que em 2030 ela será de 82,7%, inferior aos 89,6% observados em 1992 (IPEA, 2019).

Conforme o levantamento feito pelo IPEA (2019), para os homens a hipótese de diminuição ocorre por conta dos cortes de idade e oscilações temporais da economia, ajudando a entender a diminuição nas últimas décadas. Também, tal redução vem ocorrendo na média geral da população. Acredita-se que isso ocorrerá em razão ao envelhecimento populacional, o qual, contribui para a diminuição da população em si.

Embora o número de mulheres no mercado de trabalho formal apresente uma projeção crescente, pode-se notar que ainda é inferior ao dos homens, mesmo com a população feminina sendo maior do que a masculina no Brasil. Isso pode ocorrer devido a alguns fatores sociais, entre eles, os cuidados com os(as) filhos(as) ou do lar, que normalmente recai sobre as mulheres, principalmente em lares onde as visões dos papéis

domésticos são mais conservadoras (Jablonski, 2010, p. 264). Outro motivo, pode se relacionar a qualidade do trabalho ofertado nas vagas de emprego, em que se torna necessário refletir sobre quais são suas condições de trabalho. Frequentemente, as mulheres se sujeitam a um trabalho em que a remuneração salarial não está conforme a carga horária ou, até mesmo, empregos onde não há condições dignas de trabalho. Isso se acentua quando elas são as provedoras do sustento de seus lares. Ou mesmo, entre as que trabalham para compor parte da renda familiar necessária ao sustento e manutenção sua família (Cardoso, 2015, p. 30).

Ao ser inserida no mercado de trabalho a mulher enfrenta inúmeras dificuldades, já que ela não fica alheia do serviço de seu lar. Tais responsabilidades continuam recaindo sobre as mulheres pelo fato de uma parcela da sociedade mais tradicional acreditar que exista o serviço do homem e o serviço da mulher, tendo uma compreensão desigual da divisão de trabalhos entre gêneros. De acordo com Hirata (2007), muitos consideram a mão de obra masculina superior à da mulher, como bem destacou a autora ao analisar nessa percepção os princípios organizadores da divisão social do trabalho, entre eles “[...] o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)” (Hirata, 2007, p.599).

Essas reflexões nos ajudam a compreender como a divisão sexual do trabalho vem sendo estudada, problematizando como as mulheres estão posicionadas no ambiente de trabalho. Sobre isso, Hirata acredita que, alguns princípios serão válidos para todas as sociedades conhecidas, a ideologia naturalista, que faz com que o gênero seja rebaixado ao sexo biológico, reduzindo assim as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie (Hirata, 2007, p.599).

Ainda sobre o contexto do local de trabalho das mulheres, ao analisar algumas das entrevistas podemos notar que em redes de Supermercados a rotação de funcionários(as) é frequente. Alguns possíveis motivos para isso são os baixos salários e os pré-requisitos que (para grande parte dos cargos) não são altos, ou seja, não exige especialização, resultando em uma grande oferta de mão de obra, que, facilmente, pode substituir um funcionário(a) com baixo desempenho. A inserção dessas mulheres no mundo do trabalho se dá principalmente em cargos como esse, de baixos salários e forte exploração da mão de obra (Cardoso, 2015, p. 30). A condição de trabalho vivida por elas ocorre desde a implantação do capitalismo, elas acabavam ficando com estes empregos considerados

precários e com baixas remunerações, o que compreende uma parte fundamental do objetivo do capitalismo, a exploração da mão de obra humana (Marx, 2013, p.458).

As reflexões levantadas por Heleith Saffioti (1976), nos permitem discutir sobre gênero e a forma com que a mulher vem sendo colocada na sociedade de classes. Conforme a autora, durante muito tempo a mulher era vista como ausente ao trabalho remunerado, porém, diferente do que se pensa, a mulher estava presente nas conquistas financeiras de sua família. Isso foi observado ao manter o seu lar, filhos(as) e familiares limpos(as) e alimentados(as), enquanto a mulher absorvia a demanda do intenso trabalho doméstico, o homem, se via livre dessa responsabilidade e em condições de manter seus ritmos e produtividades no seu trabalho remunerado, tendo maiores possibilidades de se consolidar profissionalmente. Ou seja, a mulher contribui diretamente na manutenção da subsistência, como podemos ver em: “A mulher nunca foi alheia ao trabalho, em todas as épocas e lugares tem contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social”⁷, como o trabalho remunerado e até mesmo aquele considerado invisível que seriam os serviços domésticos e a manutenção da comunicação em uma comunidade (Saffioti, 1976, p.61). Sobre isso, Deanne Cardoso (2015) refletiu, “[...] atualmente, grande parte das mulheres participam diretamente na manutenção da família, pelo mercado de trabalho e nos afazeres domésticos. Mostrando que a jornada de trabalho que era na maioria resumida ao serviço do lar, passou a ser somada como uma jornada dupla” (Cardoso, 2015, p. 19).

Compreender o conceito de dupla jornada, seu surgimento e seu desenrolar principalmente no século XIX e XX, atribuem a essa pesquisa um importante ponto, o do desenvolvimento da mão de obra feminina com o crescimento do capitalismo. Isso porque, contribuiu para demonstrar uma peculiaridade comparada ao serviço masculino, já que a mulher não substituiu o serviço doméstico pelo remunerado, mas sim acrescentou uma jornada a sua rotina (Madalozzo, *et al.*, 2010, p.551). Isso,

⁷ O conceito de riqueza social visto é analisado pela autora como parte da manutenção da casa e cuidados com os filhos ela explica que: “[...] nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental” (Saffioti, 1976, p.61).

contribui para compreender o dia a dia desgastante de muitas das entrevistadas nessa pesquisa.

A divisão sexual do trabalho é outro pilar importante nesse estudo, já que não ocorre apenas no espaço privado, mas no ambiente profissional também. Conforme Cardoso (2015), algumas tarefas são atribuídas as mulheres por serem consideradas frágeis e terem um “olhar” materno em determinadas situações, ou seja, simplesmente por serem mulheres. Como podemos observar na reflexão da autora:

As mulheres estão em maior número nos supermercados, realizando tarefas ditas como femininas e associadas ao ambiente doméstico, como no setor de limpeza, nas lanchonetes e padarias, e outras que exigem calma, paciência, dedicação, atenção e demais habilidades determinadas como femininas (Cardoso, 2015, p.72).

Para mostrarmos nessa pesquisa como algumas mulheres trabalhadoras na rede de supermercados “Sempre Juntos” lidaram com a dupla jornada de trabalho, a divisão sexual do trabalho e as relações desiguais de gênero ao longo de 2020 e 2023, recorreremos ao uso das fontes orais. Ao pensarmos no roteiro das entrevistas, Paul Thompson (1992), nos ajudou a refletir sobre a forma que as perguntas seriam realizadas para as entrevistadas, sendo previamente elaboradas e colocadas durante o momento das entrevistas. O roteiro de perguntas foi elaborado a partir de tais temas: trajetória de vida; relação entre trabalho e cuidados com a família durante o período pandêmico e rotina de trabalho no supermercado e no lar.

Sobre o roteiro, o autor nos alerta que no momento da entrevista incorremos o risco de pecar ao fazer perguntas muito fechadas para a entrevistada e até mesmo tentar manipular para escutar aquilo que queremos ouvir. Um dos caminhos para evitar isso, pode estar em ser um(a) entrevistador(a) com capacidade de escutar o(a) outro(a), atento aos significados trazidos por quem fala, e não enchermos nossos(as) entrevistados(as) de perguntas, muitas vezes sem nexos e sem um planejamento prévio. Além disso, a entrevista não tem que ser um monólogo onde jogamos as perguntas para o entrevistado(a) e ele(a) só vai respondendo, podemos fazer uma entrevista livre desde que tenhamos um objetivo e planejamento em mente (Thompson, 1992, p. 254-258).

Ainda, quando se trabalha com fontes orais, devemos ter em mente que, muitas vezes, nada sairá como o planejado, mas isso poderá ser problematizado e analisado como parte do uso das fontes orais. Após criar uma certa sintonia com o(a) interlocutor(a), podemos obter resultados importantes para o desfecho das entrevistas, em que o entrevistado (a) contribua para o desenvolvimento da entrevista. De acordo com Portelli (2017):

Diferentemente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais não são achados do historiador, mas construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação. Trata-se, então, de uma fonte relacional, em que a comunicação vem sob a forma de troca de olhar (entrevista), de perguntas e de respostas, não necessariamente em uma só direção (Portelli, 2017, p. 183).

Portelli (2017) nos auxiliou a compreender a respeito da arte da escuta e como devemos fazer apontamentos em horários apropriados durante as entrevistas, por exemplo, ao falar no início que as entrevistas começarão a ser gravadas. Sobre isso, os(as) entrevistados(as) costumam ficar tímidos(as), mas após um tempo do início das entrevistas, aparentemente ficam confortáveis com o tema e com isso acabam relatando suas experiências dentro dos seus limites. Nessa pesquisa, houve momentos em que as entrevistadas acabavam falando “você sabe como é...” tentando trazer o interlocutor(a) para a narrativa, mesmo que ele(a) não tenha presenciado determinada situação. Isso ocorre pela proximidade entre a entrevistada e entrevistador(a) que já que uma das pesquisadoras conhecia as interlocutoras e trabalhava na mesma rede de supermercados. Sobre isso, Portelli (2017) nos ajudou a entender que, por mais que tenha sido feito um questionário, algumas questões acabaram surgindo por consequências da resposta das entrevistadas. Por isso, concordamos com a reflexão do autor, de sempre estar atento(a) em relação às questões levantadas ou até mesmo apontadas pelas entrevistadas, por essa interação possibilitar a reflexão de questões que não haviam sido pensadas inicialmente na pesquisa (Portelli, 2017, p.183).

A rede de Supermercados “Sempre Juntos”, forneceu uma lista com o atual quadro de funcionários, que é composto majoritariamente por mulheres. Os cargos ocupados por elas são diversos, mas principalmente envolvendo atendimento ao cliente ou parecidos com o ambiente doméstico, como na padaria, açougue, caixa, supervisora de caixa e limpeza, indo ao encontro com o que Deanne Cardoso (2015) expressou

anteriormente. Enquanto cargos mais elevados como de gerência e supervisão de setores contam com maioria quase absoluta de homens.

Sobre isso, cabe descrever que em uma dessas filiais estabelecida na cidade de Marechal Cândido Rondon ocorre da seguinte forma: cargos de lideranças como fiscal não necessariamente estão designados a mulheres. De cinco fiscais, apenas um é homem, sendo que ele divide seu trabalho entre fiscal e operador de caixa. A maioria feminina nesta função pode ocorrer por este cargo estar ligado diretamente aos clientes e ao controle de operadores de caixa, em sua maioria mulheres. No total, de doze operadores(as) de caixa dez são mulheres e somente dois homens. Os homens que iniciaram como operadores acabam tendo oportunidades em outros setores quando necessário para o mercado, como na função de repositor que, muitas vezes, é necessário carregar peso. Já outros setores ocupados de forma predominante por mulheres são: administração, panificadora e a limpeza. Atualmente, nessa mesma filial, funções como a de gerente geral, gerente de compras, gerente de loja, recebimento de mercadorias, acabam tendo a predominância masculina. Ou seja, cargos de maior hierarquia ou de trabalho um pouco mais braçal são predominantemente ocupados por homens.

Ao entrarmos em supermercados sempre vemos rostos predominantemente femininos como operadoras de caixa, sendo essa uma das funções que acaba sendo explorada pelo sistema capitalista pelos baixos salários. Nessa pesquisa, nos dedicamos a estudar a rotina de tais mulheres, visando compreender a história socioeconômica e cultural de uma parcela da sociedade durante esse período conturbado da Covid-19.

Atualmente, os supermercados “Sempre Juntos”, tem sete filiais, sendo 03 na cidade de Toledo, 02 na cidade de Cascavel e 02 em Marechal Cândido Rondon no estado do Paraná. As entrevistadas nesse estudo, trabalham em uma das filiais de Marechal Cândido Rondon. Segundo o quadro de funcionários da filial 01, atualmente, a rede de Supermercados “Sempre Juntos”, conta com 68 mulheres e 55 homens, sendo de idades variadas, dos 17 anos até os 57 anos. Durante o período estipulado para a pesquisa 10/2023 a 01/2024, somente 16 dessas mulheres se encaixaram no perfil selecionado: mães que tenham filhos dependentes delas e que durante a COVID-19 precisaram se ajustar a uma nova rotina devido ao fechamento das escolas. Dessas, apenas cinco aceitaram dar entrevista sobre sua trajetória de vida e experiências de vida e trabalho durante a pandemia. Entre elas, duas são funcionárias do setor do açougue, uma

repositora, uma chefe de operadoras de caixa e por fim uma auxiliar de limpeza. Já o quadro de funcionários(as) da filial 02, está dividido da seguinte forma: 66 mulheres e 43 homens. Nessa filial não conseguimos levantar os dados a respeito de quantas mulheres se encaixariam no perfil do objetivo da pesquisa.

Em síntese, essa pesquisa tem o objetivo de analisar as experiências de um determinado grupo de mulheres que estão inseridas na rede de Supermercados “Sempre juntos” do Oeste do Paraná, mais precisamente em Marechal Cândido Rondon, entre os anos de 2020 e 2023, enfatizando as funções que exercem dentro de seus lares, as questões relacionadas a rotina de trabalho na rede e as relações de gênero durante a pandemia de COVID-19 e o período pós pandêmico.

2 Trajetórias de vida das mulheres ocupadas na Rede de Supermercados “Sempre Juntos”.

As entrevistadas ao longo dessa pesquisa estão ou estiveram vinculadas a ocupações como, serviços gerais e operadora de caixa em redes de supermercados, com experiência de trabalho a pelo menos três anos. Muitas delas, tiveram uma vida marcada por trajetórias de trabalho nos setores de serviços formal ou informal. Entre essas, estiveram aquelas que já trabalharam como, diaristas, babá e em linha de produção de frigorífico. Nesse sentido, discutiremos as trajetórias de vida das entrevistadas, visando compreender como se deu a inserção delas no trabalho em redes de supermercados.

Na entrevista realizada, no dia 04 de novembro de 2023, temos a entrevistada Margarida, de 38 anos, natural do Município de Mercedes. Ela migrou do sítio onde morava com seus pais, em busca de oportunidades de trabalho na área urbana. Isso ocorreu após o retorno de sua breve estadia em Santa Catarina, quando passou a morar em Marechal Cândido Rondon e logo começou a trabalhar como diarista. Por estar cuidando da manutenção da casa de seus patrões e das duas filhas deles, recebia um salário no qual, segundo ela, não condizia com as demandas exigidas no trabalho. Por isso, acabou enviando currículos para os Supermercados “Sempre Juntos”, onde atualmente está empregada desde o período da

COVID-19. A interlocutora possui escolarização até o ensino médio completo. Margarida havia iniciado um curso técnico de enfermagem, mas devido a reprovação em uma disciplina durante a pandemia, acabou desistindo de retomar os estudos. Ela contribui com as contas de casa juntamente com o seu conjugue, que tem a profissão de caminhoneiro, mas por Margarida possuir um salário inferior ao dele, ela acaba ficando com as contas menores e o seu salário acaba sendo para suprir as necessidades de roupas, calçados, cosméticos e remédios, dela e de sua filha.

Eu morava no sítio com meu pai e minha mãe, aí realizávamos tudo no sítio [...]. Eu trabalhava de doméstica, eu trabalhei por anos e anos de doméstica antes de entrar no “Sempre Juntos”. Lá ganha bem, mas não é fácil [...].

Eu estava trabalhando de doméstica na casa de uma mulher. Eu começava 7:00hs da manhã na casa dela, aí voltava para casa 12:15hs, aí 13:15hs já tinha que estar de volta e ficava em um bairro longe de casa, [...] e tinha duas meninas para cuidar ainda, e na época da pandemia elas não estavam indo para escola, aí eu fazia almoço para eles [...] (Margarida).

A trajetória narrada pela entrevistada, trouxe alguns conhecimentos sobre o trabalho que, ainda foram elaborados quando, desde muito cedo, lhe eram atribuídas tarefas no lar como cozinhar e organizar a limpeza da casa. Como observado, pela autora Heleieth Saffioti (1976), muitos desses conhecimentos mobilizados para o trabalho já são atribuídas as mulheres, como se fosse uma tradição na qual cabe a elas os papéis domésticos ou até mesmo todos aqueles trabalhos que serão desempenhados em seus lares e que se entende como trabalhos femininos. Enquanto isso, essas funções consideradas não produtivas (que seria o caso dos serviços domésticos) ficam a margem do sistema capitalista, e com isto o trabalho não remunerado dessas mulheres acaba influenciando diretamente nos rendimentos da família, pois assim, seus maridos não precisam tirar da renda familiar uma parte para destinar a um(a) profissional de limpeza.

Nessa pesquisa, as entrevistadas trazem experiências relacionadas as responsabilidades na organização familiar que lhes foram compartilhadas pelas gerações anteriores de mulheres de sua convivência. Essas atribuições marcam uma “educação sexista” em que, para além da

responsabilidade pelo sustento de seus dependentes, também lhes são cobradas por trabalhos no lar envolvendo a manutenção e reprodução daqueles que convivem numa mesma casa.

Ainda, sobre isso Julite Salvagni *et al* (2023), ressaltou que, atualmente, algumas mulheres ao engravidarem, optam pelo retorno antecipado do tempo concedido a licença maternidade, motivadas pela vontade e necessidade de conseguir uma carreira e estabilidade financeira. Ainda que casadas, muitas vezes seus salários são essenciais para a suas famílias, conseguindo assim manter um determinado e mais estável padrão de vida (Salvagni, 2023, p. 33).

A segunda entrevistada, Lírio, trata-se de uma mulher de 52 anos que se encontra trabalhando no Supermercado “Sempre Juntos” desde os seus 16 anos. Ela relata que já saiu do mercado para trabalhar em outras empresas, mas que por gostar de trabalhar na rede de supermercado e por sentir que não se encaixa muito bem em outros lugares, voltou para o “Sempre Juntos”.

Por mais que a entrevistada apresente a maior parte de sua trajetória ocupacional no mesmo supermercado, nota-se que durante alguns momentos ela foi mudada de um cargo para o outro na empresa, sendo uma espécie de “coringa” até se tornar fiscal de caixa. Ela tem o ensino médio completo, mas relata que não se sentiu motivada a cursar o ensino superior, devido às demandas de tarefas em seu dia a dia. Essa entrevistada, em decorrência da COVID19, acabou perdendo sua mãe e hoje em dia é muito ativa na vida de seu pai.

Nessa pesquisa, notamos que durante algumas das entrevistas, essas mulheres saíram de suas cidades natais com seus familiares, buscando oportunidades de emprego para tentar dar um maior conforto para suas famílias, sendo que, algumas vezes elas tiveram, que se mudar enquanto ainda eram crianças. Também, houve aquelas que se viram obrigadas a se deslocar para o perímetro urbano para dar início a uma nova fase de sua vida, como podemos ver em: “[...] quando a gente é novo temos que caça um canto, para fazer a vida melhor, aí viemos para cá quando ela tinha uns nove meses [...]” (Pai da Lírio durante a entrevista, se referindo a sua mudança da área rural de São Benedito do Sul Pernambuco para a área urbana em Marechal C. Rondon, enquanto sua filha ainda era criança).

A respeito da escolaridade, entre as entrevistadas, apenas quatro concluíram o ensino médio, e dessas quatros somente duas iniciaram o

ensino superior, mas não conseguiram concluir, enquanto uma possui apenas o ensino fundamental fase I. Elas possuem uma trajetória escolar egressa de escolas públicas em que, muitas vezes, conciliavam os estudos com o trabalho, como aquelas que desde sua adolescência possuíam responsabilidades com as tarefas de cuidar dos irmãos(as) ou sobrinhos(as), trabalhar como babá para terceiros ou já estavam envolvidas em outras ocupações informais. Como seria o caso da trabalhadora Margarida que relatou: “[...] eu até havia começado o técnico de enfermagem no Ceretta, mas acabei desistindo [...] tinha que estar lá todo dia das 19:00 até as 21:00 e eu trabalhava durante o dia [...]” (Margarida).

A taxa de instruções das mulheres com mais de 25 anos é maior na educação se comparada com a dos homens na mesma faixa etária, como indicado pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, que aponta 21,3% das mulheres com ensino superior completo, enquanto entre os homens a taxa se encontra em 16,8%. Nesta mesma faixa etária 32,7% das mulheres acabam não tendo o ensino fundamental completo, já para os homens este número é de 35,5%. Ainda que muitas mulheres precisem conciliar suas rotinas de estudos com os cuidados com seus filhos e muitas acabam não conseguindo iniciar o ensino superior, a presença das mulheres que chegam ao ensino superior com mais de 25 anos é maior que a dos homens como observado pelos dados acima.

No caso dessa pesquisa, as entrevistadas sofrem com a rotina corrida e, em alguns casos, a falta de suporte para dar início a uma graduação de ensino superior. Isso faz com que os estudos sejam colocados em segundo plano e a prioridade acaba sendo o bem-estar de seus familiares, embora algumas delas almejem buscar uma qualificação profissional por meio de cursos de ensino superior, o acúmulo de funções como cuidados do lar e filhos acaba interferindo (Lidia, 2020 p. 22). Entre as entrevistadas, uma delas relatou a dificuldade de ingresso e permanência no ensino superior, ao ter que conciliar com a jornada de trabalho na rede de supermercados: “[...] tenho ensino médio completo. Eu até tentei faculdade, mas trabalhava no mercado e saía tardiamente [...] eles não liberavam antes que nem hoje em dia” (Lírio).

Ainda, sobre as trajetórias vividas pelas mulheres entrevistadas, temos a Begônia, uma mulher de trinta e cinco anos que se mudou para o Paraná na cidade de Eldorado com seus familiares enquanto era um bebê, mas que antes moravam em Naviraí no Mato Grosso do sul. Ela trouxe

uma trajetória cercada por dificuldades e superações. Durante a COVID-19, estava grávida e inserida indiretamente na rede de supermercado “Sempre Juntos”, onde atuava como promotora de uma empresa que presta serviços diretamente para o supermercado.

Begônia se mudou para a cidade de Marechal Cândido Rondon com o marido há cerca de dez anos. Após passarem por dificuldades financeiras em decorrência da dificuldade de manutenção das despesas do lar, quando apenas um membro exercia trabalho remunerado, ela tentou se inserir no mercado de trabalho. Essa decisão, pautou-se em um momento, no qual, suas filhas acabaram passando necessidades por falta de alimentos. Para que isso não ocorresse novamente, desde então, ela relatou que sempre está trabalhando fora.

Enquanto desempregadas, algumas acabaram iniciando sua jornada na rede de supermercado após experiências de trabalho em diferentes lugares que, muitas vezes, acabava sendo um emprego com extensas jornadas de trabalho e baixos salários. No caso das entrevistadas nessa pesquisa, a rede de supermercados “Sempre Juntos” foi o local onde visualizaram a possibilidade de uma certa estabilidade que estavam procurando. Tal estabilidade foi almejada quando a renda familiar, dependia somente do salário de uma pessoa, o conjugue e, nem sempre esse era o suficiente para suprir as necessidades básicas da família ou por buscarem sua independência financeira.

Essa entrevistada relata que após a separação do marido, teve dificuldades em permanecer no ensino superior. A seguir, um trecho em que ela relata sobre seus estudos: “[...] eu até estava fazendo ensino superior a uns três anos atrás, mas acabei me separando do meu ex-marido e não tive mais condições de estar indo para Cascavel!” (Begônia).

Begônia possui três filhas e dois netos(as). A gravidez precoce de duas de suas filhas foi descoberta próxima à terceira gravidez dela, enquanto ela se encontrava com COVID-19. Nesse período, suas duas filhas, tinham entre 15 e 16 anos. Naquele momento, suas filhas, tinham a maior parte de sua dependência ancorada em Begônia. Ela passava a maior parte do dia trabalhando no supermercado e, quando em casa, Begônia continuava a jornada de trabalho não remunerada dos serviços e cuidados necessários no lar, o trabalho “invisível” da mulher (Beauvoir 1967, p. 208).

Mesmo após relatar todas essas dificuldades vividas durante o período pandêmico, ela fez questão de enfatizar durante a entrevista sua esperança de retornar para o ensino superior no curso de Engenharia Elétrica. Para essa entrevistada o estudo ainda é um sonho a ser realizado, mesmo que atualmente sua rotina de trabalho e o fato de ser “mãe solo”, acabem dificultando o acesso a uma formação superior. Conforme ela, quando a situação melhorar, ela aspira buscar uma qualificação profissional, para poder conseguir novas oportunidades de empregos em áreas que se encaixem com seu interesse de realização pessoal.

Begônia, acredita que futuramente vá conseguir realizar o sonho de concluir o curso de engenharia elétrica, pois atualmente a demanda de tempo para os cuidados com a sua filha pequena e a casa é muito grande e exaustiva. Além disso, ainda que suas filhas mais velhas não morem mais com ela, as filhas também acabam precisando do auxílio da mãe com seus filhos(as).⁸ Atualmente o emprego na rede de supermercado deu a ela uma pequena estabilidade em relação aos horários. Contudo, conforme se ampliam para Begônia as necessidades de sobrevivência que dependem da venda de sua força de trabalho e das demandas com os cuidados com seus familiares, seus sonhos vão sendo adiados. Essa escolha entre seguir seus sonhos ou manter uma estabilidade para sua família é bastante recorrente, principalmente na classe trabalhadora, por precisarem vender sua mão de obra para obterem o sustento da família (Saffioti,1976, p.18).

Atualmente, a maneira que ela encontrou de proporcionar a renda necessária ao sustento de sua família seria no setor do açougue do supermercado. Um setor pouco comum para mulheres (que na época contava com duas mulheres e cinco homens) foi escolhido por não demandar turnos com cargas horarias desgastantes, dando uma condição maior de participar da vida de seus familiares.

Conforme relatado pelas entrevistadas, as dificuldades de escolarização e qualificação com acesso e disponibilidade de tempo para ensino superior trouxeram impactos em sua vida adulta, principalmente após constituírem família. Em determinados momentos, elas se viram desempregadas, algo que se tornaria menos provável com um curso

⁸ Atualmente, as filhas de Begônia não moram mais com ela e nem dependem economicamente dela. Enquanto uma trabalha, em frigorífico na linha de produção, a outra acabou seguindo os passos da mãe e trabalhando na Rede de Supermercados “Sempre Juntos”.

superior, já que, segundo o IBGE, em 2023 a menor taxa de desemprego, conforme a escolaridade, é entre quem possui ensino superior completo. Segundo a pesquisa do IBGE (2023), o desemprego entre indivíduos com ensino médio incompleto e completo, no terceiro trimestre de 2023 estava na casa dos 13,5% e 8,6%, respectivamente, enquanto entre quem possuía ensino superior completo era de apenas 3,5%.

Ainda entre as entrevistadas, houve aquelas que trouxeram uma identificação com o trabalho que exercem no supermercado. A Lírio já se encontra aposentada por tempo de serviço, mas continua exercendo sua função no supermercado. Como relatado anteriormente, ela já tentou sair do supermercado, mas relatou que é no mercado o lugar onde ela se identifica com o trabalho:

[...] teve um período que saí durante quatro meses do mercado, sai duas vezes já. A primeira vez que sai foi porque meu filho estava doente, aí fiquei em casa para cuidar dele, aí a segunda foi porque arrumei emprego em outro lugar.

Eu gosto, tirando as dores de cabeça, eu gosto, eu já tentei trabalhar no hospital e não me adaptei, parece que minha vida é no mercado, mas estresse, passamos em qualquer lugar (Lírio).

Durante seu relato, a entrevistada acaba mencionando que já tentou outras oportunidades no mercado de trabalho, mas que acaba não se encaixando em outro emprego, visto que ela trabalha desde seus dezesseis anos no mesmo local, mas em cargos diferentes. Conforme ela aponta, muitas de suas conquistas pessoais, como a tão sonhada casa própria, estão ligadas diretamente ao seu emprego no “Sempre Juntos”, onde a mesma, por possuir a confiança de seus chefes, acabou conseguindo um empréstimo para dar entrada no financiamento da casa.

A entrevistada descreve que se sente acolhida pelas redes de relações pessoais que conseguiu estabelecer no supermercado, onde atribuiu a conquista de comprar sua casa própria, em virtude do dinheiro que o gerente do mercado emprestou para ela. Essas relações pessoais, a credibilidade e empréstimos podem ser entendidas como estratégias de manter o vínculo do trabalhador e sua produtividade com a empresa, ou até mesmo uma forma de valorizar um possível bom desempenho profissional. Atualmente, por já ter uma determinada estabilidade, ela não

se vê em busca de outros empregos, por acreditar que o supermercado acaba suprimindo suas expectativas.

Contudo, nem sempre o supermercado acabou (para esta entrevistada) sendo um lugar acolhedor, ela relata em momento em que se sentiu constrangida por uma situação criada por um cliente e sua antiga colega de setor.

[...] eu estava conversando com a caixa e acabamos rindo, mas nisso tinha um cliente que ele era meio gordinho e ele achou que estávamos dando risada dele, mas não era dele, aí ele queria que eu pedisse desculpa, mas como eu ia pedir desculpa por algo que nem eu havia feito? [...] (Lírio).

Com isto, é notável que mesmo anos após o ocorrido, situações como essa ficam marcadas profundamente na memória dela. Quando questionada se concordava com uma frase recorrentemente dita pelos gerentes e destacada na parede de algumas filiais: “somos uma grande família”, a entrevistada concordou com a frase. Ou seja, mesmo passando por um grande constrangimento, ela ainda acredita que o mercado pode ser um local acolhedor, provavelmente por já estar envolta neste ambiente. E por estar há muito tempo em um ambiente opressivo, muitas vezes, parte das trabalhadoras nem percebem que estão sendo exploradas ou constrangidas (Cardoso, 2015, p 30). A entrevistada relatou que em outro momento de sua carreira sentiu que por ser uma mulher negra trabalhando diretamente com o atendimento ao público, havia clientes que não passavam em seu caixa por conta de sua cor de pele:

[...] Quando eu era do caixa, isso antigamente, tinha muito racismo, né? Tinha gente que passava do outro lado eu podia estar com o caixa vazio, mas eles iam em outro, por eu ser negra, tinha outra que era mais negra que eu, aí uma vez um cliente falou alguma coisa que não entendi e “*negrinha*” para ela, aí ela chamou o segurança e nisso o segurança começou a conversar, mas não resolveu nada, ficou por isso. (Lírio).

Nota-se que pelo fato dela estar inserida em um grupo de maioria com características étnicas diferentes a dela, ela precisa lidar com mais um

tipo de discriminação, o preconceito racial. Tal fato relaciona-se com a interseccionalidade⁹, pela entrevistada fazer parte de mais de um grupo que sofre com as desigualdades (mulher, negra e de baixa renda) acaba sofrendo mais tipos de opressões da sociedade, como o machismo, racismo e o preconceito contra as classes baixas, se comparado com uma mulher branca de baixa renda, por exemplo. O que pode colaborar indiretamente para que essas mulheres negras e pobres acabem não tendo as mesmas oportunidades do que mulheres brancas e pobres.

Com a fala da Lírio, nota-se que ainda que seu caixa estivesse vazio, clientes optavam por ir em outro caixa, os quais preferiam enfrentar fila a ir ao caixa onde ela estava atendendo. Quando menciona o importuno no qual sua colega sofreu, nota-se que o cliente que cometeu racismo acabou saindo impune da situação. Esse grupo de mulher já sofre preconceito somente por viverem em uma sociedade machista, o que acaba se somando com o fato de serem negras, essas duas condições não se anulam, muito pelo contrário, através da interseccionalidade podemos observar que este grupo de pessoas está mais suscetível a sofrer preconceitos.

Além disso, podemos perceber que todas estão buscando uma forma de proporcionar certa estabilidade para suas famílias. Nem todas são as provedoras principais de seus lares. Das cinco entrevistadas, duas acabam se responsabilizando pelo sustento principal do lar e três apontam suas rendas como necessárias para suprir contas consideradas de menor valor, mas que se não tivesse tal renda, acabaria fazendo uma grande falta no final do mês para as despesas de suas casas. Apesar de, para algumas mulheres, o salário do marido exceder as necessidades básicas da casa, o salário dessas mulheres é de suma importância para o casal poder ter um controle maior sobre o suprimento das despesas mensais necessárias para a manutenção financeira da família (Nogueira, 2003, p.5).

Já a Jasmim, trata-se de uma mulher com 25 anos, que trabalha no supermercado “Sempre Juntos” há cerca de três anos. Apesar da pouca idade, ela traz uma bagagem ampla de experiências e vivências. Antes de entrar no supermercado, ela teve outras experiências de trabalho, onde ao

⁹ A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual (Hirata, 2014, p. 69).

fazer a comparação entre os antigos empregos e o atual, acabou achando o mercado melhor em termos de renda e condições de trabalho. A entrevistada possui o ensino médio completo, mas por experimentar a maternidade ainda na adolescência, assim que terminou o nível médio, optou por não adentrar em um curso superior, pelo fato da sua filha ser pequena e ela precisar começar a ter maiores responsabilidades com a sua casa e família. A entrevistada relata que veio para Marechal C. Rondon com sua mãe, elas residiam em Pinhais região de Curitiba-Paraná enquanto o seu irmão já morava na cidade de Marechal C. Rondon. Seus pais são separados e após esse acontecimento, sua mãe voltou para a cidade natal dela. Jasmim continuou residindo em Marechal porque já estava grávida e almejava iniciar sua nova família, fazendo com que alguns sonhos ficassem por um momento de lado, como a vontade de fazer um ensino superior.

A principal fonte de renda da casa dessa entrevistada não é suportada pelo salário dela, mas é indispensável para sua residência. Isso porque, ele possibilita a Jasmim conseguir pagar uma escola no contraturno de sua filha, para que ela não dependa totalmente da sua rede de apoio nos cuidados com a criança e do turno oferecido pela escola pública. “Eu pago a escola da minha filha, roupa para mim e as coisas para ela, e as conta menor, internet, água e luz” (Jasmim).

A escola tem um papel fundamental para a sociedade, pois depois da família é o primeiro contato social, o qual o indivíduo acaba pertencendo, através delas suas relações sociais serão desenvolvidas. Contudo, nas camadas mais pobres da sociedade, a escola também exerce um papel fundamental na reprodução da força de trabalho. Por exemplo, para além do acesso à educação formal, muitos(as) filhos(as) de trabalhadores(as), tem na escola um local de cuidados, além de uma refeição gratuita para a criança (em alguns casos extremos, esta é a única refeição feita pela criança no dia) (Faria Filho, 2000 p.46).

Durante nossa entrevista, Jasmim ficava receosa ao comentar sobre como organizavam a divisão das despesas no lar. Havia receio por parte dela, até ao momento em que a entrevistadora conseguiu criar um vínculo um pouco maior com ela, possibilitando que ela se sentisse confortável durante a entrevista para falar um pouco mais a respeito do que conversávamos. Esse momento, nos possibilitou observar que algumas das falas de Jasmim indicaram que, embora ela afirmasse que sua renda estivesse voltada para suprir as necessidades consideradas “superficiais” de seus familiares, o destino de seu ganho salarial indicava

o quanto ele era importante para composição do provento familiar e a manutenção das necessidades “básicas”, como saúde, alimentação e educação.

Quando perguntado as entrevistadas se elas são as principais provedoras, obtivemos algumas respostas como: “Eu pago água, luz, internet e comida, aí as contas mais caras meu marido paga, porque ele recebe mais que eu.” (Margarida). Conforme observado, a falta do salário dessas entrevistadas, poderia impactar na reorganização da renda familiar, em que não haveria margem de manobra para suprir as contas consideradas de menor valor, mas que, de alguma forma, desestabilizariam economicamente essas famílias. Isso teria consequências, já que, até se reajustarem novamente, num orçamento menor, caso elas não encontrassem outro emprego, passariam por dificuldades econômicas. Essas, também poderiam impactar na convivência e relacionamento dos casais.

3 Mulheres trabalhadoras e a dupla jornada de trabalho: Cuidado com os filhos e lares.

As entrevistadas relatam que possuem filhos(as) entre 6 e 12 anos, e que durante o período em que elas se encontram exercendo suas funções remuneradas, eles(as) vão para escola. Já no contraturno, ficam com seus irmãos mais velhos ou em espaços de recreação infantil, na maioria em instituições privadas, que visam zelar por essas crianças em turno integral. Em alguns espaços os instrutores(as) auxiliam as crianças com suas atividades escolares, aliviando a demanda do lar de suas mães.

A educação em tempo integral acaba tendo a vantagem para os pais das camadas menos favorecidas da sociedade, pois assim acabam conseguindo conciliar seus empregos com a rotina de seus filhos sem se preocuparem com a falta de pessoas para cuidar dessa criança pelo período em que elas não se encontram em casa. Atualmente, os períodos integrais em algumas escolas acabam sendo destinados apenas para uma parcela menos favorecida da população (Araujo, 2021 p.11).

Durante a COVID-19 essas mulheres se viram em uma situação complexa, já que tinham que deixar seus filhos(as) em casa, para que pudessem sair para trabalhar. Ainda mais por estarem envolvidas em ocupações que não pararam durante a pandemia, como em supermercados.

Durante a pandemia, essas trabalhadoras de supermercado acabaram não fazendo o *lockdown* pelo fato do mercado se encaixar nos serviços essenciais, enquanto tiveram a responsabilidade de cuidar de seus familiares.

Houve um dos casos em que a trabalhadora acabou adiantando suas férias para que, assim, pudesse cuidar de sua família durante o período em que contraíram o coronavírus. “Eu peguei férias um período e como a mãe estava no hospital e aqui todo mundo estava isolado, aí falei que iria se isolar aqui para cuida deles” (Lírio).

Na maioria, essas mulheres acabaram contando com o apoio de seus familiares que ficavam em casa nesse período, podendo ser desde outra mulher mais velhas, como avós ou, até mesmo os seus filhos(as) mais velhos(as). Nesse período o uso da tecnologia como celular, computador e internet foi imprescindível pela questão de algumas escolas, como as estaduais, estarem encaminhando as atividades também por meio de plataformas específicas, caso o(a) estudante acabasse não tendo o acesso às plataformas os pais então teriam que buscar as atividades nas escolas. Sobre isso, Lírio mencionou, “As tarefas de escola eu a ajudava a fazer, eu ia lá, pegava os trabalhos dela, trazia para casa e depois levava as atividades” (Lírio). Nesse período, as atividades impressas, foram destinadas principalmente para estudantes sem acesso a todos os recursos necessários para realizar as atividades on-line.

Segundo as entrevistadas, esta demanda de buscar e entregar as atividades também recaíam como responsabilidade das mulheres que, além de fazer a manutenção básica de seus lares e a rotina do trabalho remunerado, acabavam tendo que conciliar a responsabilidade do conteúdo escolar para seus filhos e ajudar nas tarefas de casa, visto que em alguns casos, devido à baixa interação das aulas *online*, seus filhos não compreendiam muito bem o material e precisavam de uma maior ajuda. Podemos observar que durante este período, ter uma rede de apoio, composta na maioria por seus familiares, foi fundamental para que essas mulheres pudessem deixar seus filhos e irem trabalhar, assegurando a renda da casa ou, pelo menos, compondo parte dessas.

A quarta entrevistada, Rosa, trata-se de uma mulher de 53 anos que está inserida na rotina do supermercado a cerca de sete anos. Ela é a principal provedora do seu lar, mas conta com a ajuda de um de seus filhos que também trabalha no supermercado, mas em um setor diferente ao dela. No decorrer de seu relato, Rosa acaba fazendo queixas relacionadas a

baixa remuneração no setor onde está locada (limpeza), além de em determinados momentos, acabar tendo que fazer outras funções afora do que foi contratada, como de repositora e embaladora, e mesmo assim, sente que não tem o seu trabalho reconhecido pela empresa. A entrevistada acabou não completando o ensino fundamental, e com isso durante a pandemia acabou, em alguns momentos, passando dificuldades em auxiliar o filho mais novo com as atividades escolares, mas com a colaboração de um filho mais velho conseguiram auxiliar a criança. Ela mencionou, “[...] era meio complicado porque eu já sou meio fraca nos estudos, aí geralmente a(o) menina(o) que ajudava, mas eu fazia o que dava, né?” (Rosa).

Uma das entrevistadas relatou que durante esse período, mesmo ela morando com sua mãe, sua filha acabava ficando sozinha em casa, já que ambas trabalhavam. Isso acontecia por ela não ter outra opção, já que, se uma delas deixassem de ir trabalhar para ficar com a menina, não haveria renda suficiente para subsistência. Além disso, ela relatou que não tinha ninguém de confiança e com disponibilidade para cuidá-la neste período. Sobre isso, com angústia, ela se lembrou: “Ela (a filha com doze anos atualmente) ficava sozinha, na época eu morava com a minha mãe, mas ela ficava sozinha.” (Margarida)

Não somente durante o período da pandemia, mas contar com uma rede de apoio faz com que parte dessas mulheres tenham uma certa estabilidade em saber que seus filhos(as) estarão seguros enquanto elas estiverem em seus empregos. Entre as entrevistadas, quase todas contam com algum tipo de apoio, desde a ajuda de seus filhos(as) mais velhos(as) para poder auxiliar os(as) menores, até mesmo com a ajuda de escolas particulares, as quais ofertam apoio escolar no contraturno da aula para essas crianças, como o caso de Jasmim, “a gente paga uma escolinha, é uma recreação que eles falam e de tarde ela vai à escola” (Jasmim).

Durante a entrevista, notamos que, ao mesmo tempo em que elas precisam de uma rede de apoio, acabam servindo como uma, como seria o exemplo da Lírio, a qual auxilia seu pai todos os dias no horário de seu almoço “[...] eu vou, faço almoço no pai e almoço com ele, aí vou para casa e vejo se eles precisam de algo e se tem alguma coisa para realizar, aí volto para o trabalho” (Lírio), como já mencionado, a mesma relatou que durante a pandemia acabou perdendo sua mãe, por decorrência da COVID-19.

Após a perda da mãe, a entrevistada, tentou reorganizar a sua rotina para passar mais tempo com o pai. Isso visando evitar que ele se sentisse sozinho em alguns momentos do dia e proporcionando para ambos viverem esse momento do luto. Suas escolhas contribuíram para fortalecer o vínculo de pai e filha, ainda que tal rotina exigisse da entrevistada uma grande demanda de seu tempo, ela relatou que, embora cansativo, essa rotina tem sido importante para ambos, principalmente para o pai, que ainda não se habituou a realizar certas tarefas da vida doméstica, antes exercidas pela mãe.

Os serviços de casa faço sozinha, a Dani trabalha atualmente e a pequena lava uma louça, arruma a cama, mas o pesado quem faz sou eu, o almoço adianto, eu vou faço almoço no pai e almoço com ele, aí vou para casa e vejo se eles precisam de algo e se tem algo para fazer aí vou para o trabalho (Lírio).

Os afazeres do lar ficam sob a responsabilidade de cada entrevistada, sendo assim, ao chegarem dos seus serviços, muitas vezes, cansadas tem que cuidar da sua casa e de seus familiares, se responsabilizando pelo alimento e até mesmo pela arrumação da desorganização realizada durante o período em que elas não se encontravam em suas residências. Em alguns relatos, os parceiros e familiares acabam não ajudando nesse momento e acabam empurrando esse papel para a mulher. Algumas para poderem “adiantar” tal organização, acabam usando o período do almoço, no qual deveria ser o momento em que a trabalhadora descansaria para poder retornar ao trabalho remunerado e completar sua carga horária diária.

A rotina das entrevistadas se divide entre os cuidados de sua casa e os seus empregos remunerados, dependendo do turno nos quais a funcionária foi contratada. Em seu horário de almoço costumam chegar em casa e preparam o alimento para elas e seus familiares e, logo, retornam para seus empregos. Após o expediente, algumas entrevistadas buscam seus(as) filhos(as) na escola, e assim começam então o serviço “invisível” da mulher, onde na maioria das muitas vezes, acabam tendo esse trabalho não remunerado, desvalorizado e visto como trabalho da mulher. Aos olhos de uma sociedade mais tradicionalista, o serviço do lar está voltado para a mulher (Beauvoir, 1967, p.208).

Sobre isso, durante a pesquisa, uma das entrevistadas, ao ser indagada se recebia auxílio de alguém da casa, no trabalho doméstico, relatou que sua filha tem doze anos, mas não auxilia nos serviços do lar, o que acaba sobrando tudo para ela fazer, “[...] quem, a Isa? É bem preguiçosa, eu efetuo tudo sozinha...” (Margarida). Isso pode estar relacionado a cultura organizacional em relação à família, a mulher quase sempre acaba tomando para si a organização da esfera doméstica. Em alguns casos, ao vir de uma família com hábitos mais tradicionais, os(as) envolvidos(as) entendem que tal divisão é comum. A “preguiça” de sua filha, pode ter muitos significados, um deles é a naturalização da sobrecarga de trabalho das mães.

A princípio o que vemos de comum entre essas mulheres seria inicialmente o emprego no supermercado, mas ao nos adentrarmos nas entrevistas notamos que todas são mulheres que estão lutando para conseguirem proporcionar alguma estabilidade econômica para manutenção e sobrevivência de suas famílias. Ao escolherem continuar no supermercado demonstram resiliência, pois, por diversas vezes, este trabalho acaba sendo estressante, ainda mais estando envolvidas diretamente com atendimento ao público.

Durante as entrevistas alguns dos relatos indicavam que o ingresso dessas mulheres no supermercado “Sempre Juntos” se baseava na esperança de conseguir algo “melhor”, entendido por elas como, um ambiente de trabalho menos desgastante de modo físico e psicológico, com uma remuneração maior ou um local que se identificassem mais com as funções exercidas. Essa expectativa não foi atingida pela maioria delas, principalmente, quando vivenciaram durante a pandemia a intensificação do trabalho, com a incorporação das atividades on-line.

Ainda, identificamos algumas semelhanças entre essas mulheres. Primeiramente pelo fato de nem todas terem tido a oportunidade de ingressar em um curso de nível superior e, por segundo, o fato de terem iniciado uma família, isto é ter filhos, quando ainda muito jovens. Por virem de famílias onde houve uma reprodução da cultura do patriarcado¹⁰, assumem que as responsabilidades do lar são delas. Vivemos em uma

¹⁰ “[...] neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. [...] importante a reter é que a base material do patriarcado não foi destruída, não obstante os avanços femininos, quer na área profissional, quer na representação postos eletivos políticos” (Saffioti, 2004, p.112).

sociedade vista como moderna que, conforme Saffioti (2004), em alguns lares, ainda prevalecem os considerados costumes tradicionais, que reproduzem uma divisão sexual do trabalho externo para os homens, enquanto os cuidados do lar acrescido do trabalho remunerado para composição da renda familiar, ficam a cargo das mulheres. Nota-se que durante as entrevistas nenhuma delas reclamaram diretamente que tal situação era incomoda, ficando isso subjetivo em algumas das entrelinhas das entrevistas.

Outro ponto em comum seria a dificuldade em permanecer no ensino superior ou ir além do ensino médio, principalmente devido a questões relacionadas com suas famílias e suas rotinas no ambiente de trabalho. O fato de em um determinado momento de suas vidas as entrevistadas terem migrado para a mesma cidade (Marechal Cândido Rondo) em busca de oportunidade melhores, faz com que seja criado uma espécie de padrão de permanência para esse determinado grupo, ainda mais quando percebemos que trabalham na mesma empresa e muitas vezes compartilham a mesma dificuldade. Mesmo assim, as experiências relatadas por cada uma delas em relação ao seu emprego e suas vivências acabam tendo detalhes únicos, como a experiência com racismo, os divórcios, a gravidez precoce e não planejada, as perdas de familiares, entre tantas outras.

4. Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa foi conhecer a rotina das entrevistadas e a forma com elas acabaram dividindo sua rotina de trabalho remunerado e não remunerado durante a pandemia da COVID-19, até 2023. Após ter acesso a tais informações compreendemos que, de certa forma, a pandemia aumentou ainda mais as responsabilidades domésticas das mulheres. Com os filhos em casa por mais tempo, já que as escolas estavam fechadas, essas trabalhadoras tinham a preocupação extra de ter que achar alguém para cuidar de seus filhos(as) e, em alguns casos, ajudar com os filhos(as) de seus chefes. Além disso, precisavam ir frequentemente às escolas buscar e entregar atividades, ainda que tivessem acesso ao meio digital, algumas atividades precisavam ser entregues presencialmente, sem contar os gastos com alimentação que, em alguns casos, também cresceu pela ausência da refeição elaborada nas escolas.

O papel da mulher vem mudando conforme a sociedade se transforma, mas ainda assim, as mulheres enfrentam uma sociedade machista, onde a cultura do patriarcalismo tenta ser a dominante. Podemos observar isso com o trabalho do lar que, conforme relatado pelas 5 entrevistadas, sempre recai como responsabilidade delas, mesmo com elas trabalhando fora de casa. Embora a mulher tenha conquistado vários direitos e avançado em espaços que antes eram predominantemente masculinos (como o próprio trabalho externo), nas últimas décadas, ainda há o que reivindicar e até mesmo o que mudar na atual sociedade. Por exemplo, a predominância de uma divisão desigual do trabalho doméstico, dos cuidados com o lar e os(as) filhos(as) que, por vezes, recai totalmente sobre as mulheres, conforme os relatos presentes em todas as entrevistas realizadas nessa pesquisa.

A jornada dupla ou tripla também afeta a possibilidade de formação ou continuidade da formação acadêmica de algumas mulheres. Por terem que cuidar da casa e dos filhos, após o expediente de trabalho, não têm tempo de cursar o ensino superior ou algum curso de especialização, o que de certa forma prende essas mulheres em trabalhos de baixa remuneração e alta rotatividade, impactando na sua autonomia na vida pessoal, financeira e profissional.

É importante compreendermos a situação das condições do trabalho remunerado e não remunerado que estas mulheres trabalhadoras enfrentam, dando visibilidade e reconhecimento para suas contribuições na sociedade, incluindo os cuidados de suas famílias, em que o papel delas é vital para a economia e organização doméstica. Trabalhos como este também podem ajudar a promover reflexões em prol da igualdade de gênero, assim como a redução da desproporcional carga de trabalho doméstico que essas mulheres acabam tendo.

Com isto, percebemos que a inserção das mulheres no mercado de trabalho não se deu pela substituição do trabalho do lar, mas sim pela sua adição, já que ela não fica isenta dos serviços domésticos e mesmo décadas após essa inserção ainda é muito comum a associação dos afazeres domésticos com o sexo feminino. Assim como algumas vagas profissionais relacionadas com cuidado, limpeza e cozinha são, na maioria, preenchidas com mulheres por serem serviços associados ao ambiente doméstico.

Referências

- ARAÚJO, Vania Carvalho de; AUER, Franceila; TAQUINI, Rennati. Política de educação infantil em tempo integral: notas sobre a percepção das famílias. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 15, 2021.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- CARDOSO, Deanne Teles et al. **A mulher e o trabalho: o cotidiano das trabalhadoras dos supermercados**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás. 2015.
- DA SILVA, Mygre Lopes; DA SILVA, Rodrigo Abbade. Economia brasileira pré, durante e pós- pandemia do covid-19: impactos e reflexões. **Observatório Socioeconômico da Covid-FAPERGS**, 2020.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 44-50, 2000.
- GAMA NETO, R. B. Impactos da COVID-19 sobre a economia mundial. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 113–127, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3786698. Disponível em: <https://revista.ioles.com.Br/boca/index.php/revista/article/view/134>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014.
- _____, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 595-609, 2007.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Título: subtítulo. Local de publicação: editora, 2022.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Relatório econômico**. Brasília: Ipea, 2019.
- JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 30, p. 262-275, 2010.
- LÍDIA, Laís Balbino Gomes. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. Tese (Terapia Ocupacional) Universidade Federal de Paraíba. 2020.

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 02, p. 547-566, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

OPAS/OMS – **Organização Pan-Americana da Saúde**/OMS. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/>>. Acesso em 09 fev. 2024.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. **Revista Trilhas da História**, v. 7, n. 13, p. 182-195, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALVAGNI, Julice et al. Maternidade e mercado de trabalho: A trajetória das mulheres no desenvolvimento de carreiras. **Confluências: revista interdisciplinar de sociologia e direito**. Niterói, RJ. Vol. 25, n. 1 (jan./abr. 2023), p. 18-42, 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.